

# DETERMINISMO E INDETERMINISMO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O estudioso que se debruça a sondar algum aspecto da realidade, se quiser evitar a perda dos erros, terá de mover-se com cuidado e com especial discernimento no que concerne à noção de causa. Se se diz que esta noção é a pedra de toque que aquilata a finura e a pureza da verdadeira inteligência, e que serve para denunciar o pedantismo lustroso com que, frequentemente, tenta disfarçar-se a burrice. E' o uso da noção de causa que também serviria para separar o que Pascal chamou "esprit de finesse" do "esprit de geometrie". No século passado, sob a égide da microfísica e da astronomia, a idéa que predominou na epistemologia foi a de ordem do universo e clareza cartesiana nas ciências. As filosofias plantadas ou regadas nessa época, como as de Hegel e Marx, pecaram por excesso de racionalismo e de determinismo. Inebriados pelo ambiente intelectual em que se calculavam eclipses com precisão de fração de segundo, esses filósofos aplicaram aos fenômenos sociais e à história uma ilusão de determinismo, e erraram duplamente: primeiro porque sonharam a possibilidade de destrinçar uma linha de causalidade em um contexto de fenômenos ainda mais complexo do que o dos fenômenos observados pelos físicos; segundo porque tomaram como necessária a resposta humana, individual ou grupal, dada ao desafio das circunstâncias.

Convém lembrar aqui que o físico não se contenta de observar os fenômenos, como o astrônomo. Tem de condicioná-los, é obrigado a isolá-los, e o método experimental consiste precisamente nesse sequestro do fenômeno em estudo. Exemplo: a queda dos corpos, observada sem aquela precaução, mostra-nos que um prego cai mais depressa do que uma pluma; observada no vácuo, revela a mesma velocidade para os dois corpos e a independência da massa na determinação da velocidade. A primeira observação estava prejudicada pelo ar: só aparentemente a queda era livre; na verdade, no decurso da queda, as moléculas do ar, colidindo com as dos corpos em observação, causavam perturbação do movimento e conclusão falsa. Temos aí um exemplo típico de uma linha de causalidade perturbada por muitas outras influências, e consequentemente da necessidade de isolar o fenômeno para destrinçar a lei.

Se o século XIX foi o apogeu da microfísica e dos determinismos por ela sugeridos, o nosso glorioso e angustiado século XX é o tempo da microfísica e dos indeterminismos. Agora, ao contrário do que se pretendia no "old brave world" de Karl Marx, muita gente passou a desconfiar de todas as linhas de causalidade, e passou a preferir os conceitos de correlação e de probabilidade que não têm nenhum compromisso metafísico. Não há, a bem dizer, uma ordem no Universo, se por tal coisa entendemos fidelidade das naturezas em suas operações e orientação de tudo para algum fim. Há uma vasta desordem, tão vasta, tão densa, tão numerosa, tão populosa que nos oferece o espetáculo de certas re-

gularidades nascidas dos grandes números. A rotina do universo é apenas a aparência dada pela alta improbabilidade do fato subversivo. Vale a pena considerar alguns exemplos. Uma cozinheira que põe a panela no fogo tem a robusta convicção de obter, por esse método, água fervendo, em tantos minutos. A honra de seu ofício baseia-se numa antiga confiança nas linhas de causalidade. O determinismo da cozinheira diz que o fogo é a causa eficiente da ebulição da água, e desse determinismo vivem e comem os mais estratofênicos filósofos. Mas, interrogados sobre o fenômeno, certos físicos das novas filosofias dirão que a água fervendo, naquela experiência, é apenas um resultado altamente provável. Um outro, muito menos os provável poderia ocorrer. Diante da cozinheira estupefacta, a panela pode subir rapidamente e espantiar-se no teto deixando cair pedaços de gelo. Para isto acontecer basta que os movimentos mais velozes das moléculas, produzido pelo fogo, em certo momento tenham por acaso a mesma direção. E assim, não há mais leis necessárias, mais causas, tudo sendo probabilidades.

Nós não gostamos dessa nova posição embora ela nos traga uma saborosa desforra do materialismo racionalista do século passado. — Não. Nem tanto, nem tão pouco. E' bom não ser petulante como os racionalistas do século passado que se extasiavam com a mecânica dos astros e com a mecânica dos povos; mas também não é bom levar a modéstia do "homo sapiens" até o acabrunhante probabilismo de hoje. Nem tanto nem tão pouco. Estou pronto a concordar com o físico quanto à possibilidade de ter uma força viva na panela, igual à da energia dada pelo aquecimento, mesmo com a reserva da probabilidade prodigiosamente pequena; mas já me custa admitir que o fato de nascer um menino ou uma menina de um casal humano, em vez de nascer um ornitorinco, uma árvore ou um peixe, seja uma simples questão de alta probabilidade. Há causas, há decretos inscritos na intimidade mais profunda das essências, mas é preciso ter olho para distingui-las das simples correlações. Para meu gosto, acho que devemos agradecer aos físicos de nosso tempo sua excessiva e errada modestia, que me parece em todo o caso muito mais inteligente do que a petulância pedante do racionalismo cientificista do século passado. Creio que já disse por escrito o que vou aqui repetir. A humanidade, no dia do juízo final, terá de apresentar suas obras de glória e de vexame; muita besteira será apresentada nesse grande dia para a solene incineração: ora, eu creio que de todas as tolices que os homens fizeram em todos os domínios neste vale de lágrimas, nenhuma sobrepujará a idéa de determinismo histórico; como também creio, por outro lado, que até lá, passem os anos aos milhões, ninguém sobrepujará a música de Mozart. Mas isto nos desviou do assunto principal, que convém frisar, e que é o do uso das causas nos problemas de história, sociologia ou economia.

Os estudiosos desses assuntos precisam possuir o sexto sentido e a finura mental para bem discernir, nessas complexas disciplinas, o universal e o particular contingente. Precisam saber que há muito acaso, muito indeterminismo, muita ambivalência de respostas humanas. E sobretudo precisam compreender que é ridículo e esteril pretender nessas disciplinas as explicações cristalinhas das formas matemáticas, ou o encadeamento de causa e efeito das mecânicas perfeitamente isoladas do grande contexto. O mundo seria mais feliz se os historiadores, os sociólogos e economistas fossem homens mais inteligentes do que têm sido, fossem os mais finos dos homens e não os embuidos de racionalismo grosseiro. O mundo seria mais feliz e mais humano se aos estudiosos dos problemas humanos se pudessem aplicar um remédio que os curasse do "esprit de geometrie" e das consequências que Pascal tão bem descreve: "ce qui fait que des géomètres ne sont pas fins, c'est qu'ils ne voient pas ce qui est devant eux, et qu'étant accoutumés aux principes nets et grossiers de géométrie, et à ne raisonner qu'après avoir bien vu et manié leurs principes, ils se perdent dans les choses de finesse, où les principes ne se laissent pas ainsi manier".

O "esprit de geometrie" leva a pensar que uma determinada conjuntura  $C(n)$  é o resultado lógico e necessário de uma conjuntura  $C(n-1)$ , e causa de uma conjuntura  $C(n+1)$ . Na verdade, cada conjuntura é mais uma convergência de linhas de causalidade, com muito de fortuito, do que um produto da anterior com determinado reagente. Não é somente mais complexo do que a física e a química a femelologia social: é também mais fortuito o fato, mais accidental, mais histórico, mais casual. Levando em conta a alma humana, que o coletivo não neutraliza, é preciso ter em mente a ambivalência do que Toynbee chamou "respostas aos desafios" das circunstâncias. Lembrando a presença de Deus, é preciso não desdenhar o fator misterioso que prende a conjuntura à Causa Primeira, preciso não minimizar o fator "sorte" ou "destino" que para os gregos era o dramático pseudônimo da Divina Providência. Entre as mil explicações racinhas do atraso do continente africano e da raça negra, o "esprit de finesse" não desaconselha a pensar num fator que escapa às nossas considerações científicas e que leva a conjuntura africana diretamente à Causa Primeira. Mas daí não conclua o leitor que estou pregando um quietismo acomodado diante dos decretos do destino. A mais clara das vontades de Deus é justamente aquela que se manifesta na natureza das coisas. No que concerne ao homem é claro, claríssimo, que Deus espera dele um trabalho de domínio cada vez maior sobre o mundo e sobre a história. Só preceitua que tal conquista não o inebrie de orgulho, e não o leve a esquecer o autor supremo de todos os imprevistos e de todas as grandes aventuras do universo.